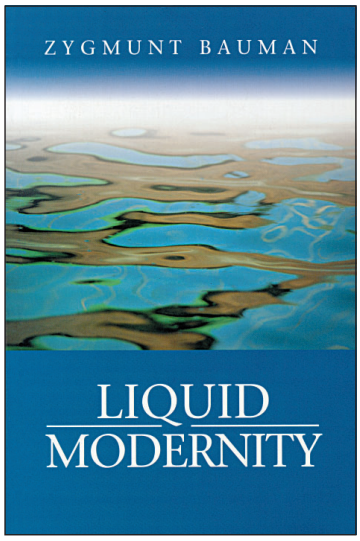
LIQUID MODERNITY



De **Zygmunt Bauman**
Cambridge : Polity Press, 2000. 228 p.

Por **Mário Aquino Alves**, Professor do Departamento de Administração Geral e Recursos Humanos da FGV-EAESP.
E-mail: maalves@fgvsp.br

Quando estamos na escola, no início do aprendizado das ciências naturais, ensinam-nos que são três os estados da matéria: sólido, líquido e gasoso. Aprende-se que a distinção entre sólidos e líquidos deve-se ao grau de agregação de suas moléculas. Devido ao arranjo interno de suas moléculas – uma pequena distância entre si –, os sólidos permanecem estáveis, ou seja, conseguem manter a sua forma apesar do tempo. Já os líquidos apresentam maior distância entre suas moléculas, o que resulta na sua fluidez. Essa distância intermolecular deve ser suficiente para permitir a mudança permanente de posições entre as moléculas, o que faz com que o líquido não possua forma definida própria, mas, sim, a forma do sólido que o abarca.

Usando esse modelo da física como metáfora, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman analisa, em seu livro *Liquid modernity*, alguns dos pontos centrais para a compreensão do social nos dias de hoje. A obra traça uma distinção entre uma modernidade sólida e uma modernidade líquida. A modernidade sólida é representada pela certeza, pela forma de poder panóptico (Foucault), pela organização taylorista fabril, pela racionalidade instrumental, por empregos duradouros, por uma concepção territorial de espaço, economia, identidade e política. A modernidade líquida é representada pela incerteza, pelas formas flexíveis de trabalho e organização, pela guerra de informações, pela desterritorialização da política e da economia (globalização) e, sobretudo, pelo processo de individualização. Para marcar as diferenças entre esses dois momentos, Bauman analisa cinco conceitos sociais básicos e suas transformações nesse processo de liquidificação: emancipação, individualidade, tempo/espaço, trabalho e comunidade.

A idéia de uma modernidade "liquidificando-se" pode parecer pouco original, já que, há 150 anos, Karl Marx e Friedrich Engels (*Manifesto do Partido Comunista*) já tratavam da força avassaladora da modernidade (capitalismo) capaz de "derreter tudo que é sólido", ou seja, os obstáculos arcaicos sob a forma das velhas instituições inadequadas à nova ordem que se impunha. Para Bauman, a diferença de sua análise em relação aos primeiros é que, para os teóricos do materialismo histórico, a força da modernidade destinava-se não a destruir uma velha ordem sólida, mas a abrir espaço para "novos e melhores sólidos", ou seja, uma nova ordem social e política que partia da eliminação da

opressão do homem pelo homem. Já no atual momento – o momento da "modernidade líquida" –, não há uma agenda política definida, um projeto acabado de sociedade. As forças de liquidificação do social não procuram constituir uma ordem social estável calcada em um projeto político.

Essa dissolução do social, porém, não é um processo unidirecional, mas, sim, oscilante entre "solidificação" e "liquidificação". Tal oscilação não está relacionada com uma liberação da sociedade ou de seus indivíduos. Derretem-se "sólidos" (programas econômicos, modelos políticos, políticas sociais) para tentar moldá-los de outra maneira, ainda que efêmera.

Conquistar espaço em meio à fluidez dessa modernidade líquida passa por transpor ou mesmo destruir os obstáculos herdados pela estrutura sólida anterior. Esses obstáculos são os limites, quer seja no sentido físico ou simbólico: desde os territórios das nações, com suas demarcações fronteiriças, até as barreiras institucionais das estruturas políticas que são demasiadamente "estáticas", produtos de ideologias rígidas que não se adaptam à nova realidade.

Na modernidade sólida, os indivíduos podiam estruturar suas vidas a partir de instituições que davam os limites e os caminhos para que vivessem suas vidas. Segundo Bauman, agora "derreter os sólidos" tem um novo significado: a liquidificação dos laços que conectam escolhas individuais a projetos e ações coletivas. Os padrões, os códigos e as regras de significação do social, ou seja, os pontos de orientação, não estão mais ao alcance direto dos indivíduos, mas se encontram sobre formas liquidificadas e adquiriram uma fluidez que os tornam intangíveis. Vive-se, portanto, um processo de individualização, pelo qual os indivíduos se tornam unicamente vinculados a si mesmos e ao tempo presente.

Bauman, radicado há 30 anos na Inglaterra e professor da Universidade de Leeds, segue um debate que se estabeleceu sobre a questão da modernidade, principalmente entre autores como Anthony Giddens, Scott Lash, Richard Sennett e Ulrich Beck. Deste último, aliás, Bauman utilizou as distinções de "primeira modernidade" e "segunda modernidade" (*Risk society: towards a new modernity*, Sage, 1992) para criar as distinções entre modernidade sólida e modernidade líquida. A modernidade líquida é equivalente ao período de segunda modernidade, descrito por Beck como um processo pelo qual "a modernidade se volta sobre si mesma", gerando conseqüências como a crise ecológica, a individualização acelerada e a flexibilização das relações humanas, especialmente no mundo do trabalho – processo a que chamou de "brasilianização".

Apesar da semelhança na análise do atual estágio da modernidade, *Liquid modernity* mostra não só a criatividade do autor no uso de uma metáfora clara e adequada para explicar o atual estágio da modernidade, mas também a diferença que Bauman apresenta em relação aos seus contemporâneos, especialmente Giddens e Beck. Há uma convergência na análise que fazem sobre os processos que desembocaram no atual estágio da modernidade. A divergência mostra-se na avaliação da liquidificação da modernidade e dos projetos políticos que devem ser construídos deste momento em diante. Enquanto Anthony Giddens prega uma reforma do Estado de forma a adaptá-lo às transformações que considera positivas (o polêmico projeto da Terceira Via) e Ulrich Beck vê na superação – pela flexibilização dos contratos – do trabalho remunerado uma forma de emancipação, Zygmunt Bauman mostra-se pessimista e desencantado com a modernidade líquida.

Para Bauman, a liquidificação imposta pelo atual estágio da modernidade criou uma separação da liberdade jurídico-institucional (*de jure*) que não se traduz em uma liberdade real (*de facto*). A modernidade liquidificada (e o processo de individualização nela embutido) possibilitou um tal desenvolvimento econômico que oferece diversas alternativas de escolha (consumo), mas que também gerou uma separação entre uma elite com grande capacidade de consumo e uma massa de não consumidores. Nas palavras do autor, o processo de individualização "separa seres humanos e promove uma competição sangrenta, ao invés de unificar uma condição humana capaz de gerar cooperação e solidariedade" (p. 90). Se o temor dos autores da Teoria Crítica (Adorno, Horkheimer e Marcuse) era que a modernidade criasse as condições para que uma esfera pública autoritária, calcada na racionalidade instrumental, sufocasse os indivíduos, a modernidade líquida criou as condições para a "colonização" da esfera pública pela esfera privada que acabou por anular as duas.

O projeto emancipatório de uma nova Teoria Crítica demanda, na visão de Bauman, uma defesa da esfera pública contra o processo de colonização pela esfera privada, não em nome de um projeto coletivo, mas, sim, para garantir uma efetiva liberdade individual.

Liquid modernity é a extensão do pensamento de Zygmunt Bauman que vem sendo desenvolvido em livros como *Globalization: the human consequences* (Polity Press, 1998) e *In search of politics* (Polity Press, 1999). Trata-se de uma obra cuja leitura é importante para aqueles que procuram compreender as forças que estão tornando a nossa existência mais flexível, mas, simultaneamente, insegura e incerta.

©2002, *RAE - Revista de Administração de Empresas*/FGV-EAESP, São Paulo, Brasil.